

SOS Aldeia de Brasília, coração de mãe

Crianças carentes têm lar substituto até os 18 anos de idade. Idealizador da obra dava abrigo a órfãos da Segunda Guerra

Marcello Xavier
Da equipe do Correio

Os abrigos recebem crianças de várias idades e de realidades diversas. Uma foram abandonadas pelas famílias. Outras perderam os pais ou foram retiradas do lar natural, por decisão da Justiça. Há aquelas que foram afastadas por causa de desajustes financeiros, pais pobres que mal tinham dinheiro para comer.

Foi assim com Maria Rita Santos de Souza, hoje com 16 anos. Ela e a irmã Maria Elizângela, 15, foram parar na Aldeia SOS de Brasília quando tinham três e dois anos de idade, respectivamente. Cinco anos mais tarde, chegou Maria Tatiana, a mais nova das três, hoje com 11 anos. Elas moravam em São Sebastião, com a mãe, que mal tinha dinheiro para se sustentar. Quanto mais dar de comer a três crianças.

As três irmãs dividem uma das casas do Aldeia SOS, na 914 Norte, com outros seis "irmãos" — crianças com histórias semelhantes — e ganharam uma mãe-social. Estudam em uma escola pública na Asa Norte, têm assistência médico-odontológica gratuita, praticam esportes e fazem cursos profissionalizantes e de informática. Na aldeia, recebem carinho, atenção e amor.

A aldeia é um centro educativo formado por 12 casas-lar planejadas para abrigar famílias numerosas: cada uma tem a mãe social e nove crianças. Cada casa tem quatro quartos, uma sala de estar, copa-cozinha e dois banheiros. Tudo é projetado para aproximar as crianças de um verdadeiro lar.

As famílias são heterogêneas, formadas por crianças de ambos os sexos e idades diversas. Quando não está na escola, a garotada ajuda na jardinagem, na recepção e na lavanderia da aldeia. Os mais velhos frequentam o Centro de Formação Profissional, que oferece cursos profissionalizantes e ainda um de informática e outro de teledramaturgia. Todos praticam alguma atividade esportiva proporcionada por um convênio com o Departamento de Educação Física, Esporte e Recreação (Defer).

PLANOS DE VIDA

"É muito bom morar aqui. Fazemos de tudo um pouco dentro de casa: estudamos, trabalhamos, brincamos e brigamos também. Como acontece em toda família", diz Maria Rita, que cursa a 7ª série na Escola Classe 113 Norte. "Quando sair daqui, quero arrumar um emprego e ajudar a minha mãe." Rita e as duas irmãs recebem, a cada 15 dias, a visita da mãe biológica.

Maria Rita já traçou os seus planos para o futuro. Quer se casar na igreja, mas só terá filhos se puder criá-los. Não pretende cair no mesmo erro da mãe, no passado. "Vou querer os meus filhos junto de mim", diz.

Em sua maioria, os adolescentes e crianças da Aldeia SOS de Brasília

são órfãos ou foram abandonados pelos pais. Há casos também de crianças tiradas da família por decisão judicial. Mas todas foram encaminhadas à aldeia por meio do Centro de Recepção e Triagem da Fundação de Serviço Social e pelos conselhos tutelares. "Aqui a criança tem um lar substituto", define o administrador da entidade, José Viana dos Santos.

As crianças precisam deixar a aldeia quando completam 18 anos, idade limite. Elizângela Jussara dos Santos, que fez 18 em fevereiro passado, deixará a aldeia na próxima semana, depois de longos 12 anos. Ela vai dividir uma kitinete com uma tia, na Asa Norte. "Não vou me afastar da minha família. Sempre passarei para visitá-la", garante. Jussara mora na mesma casa que as irmãs Rita, Tatiana e Elizângela.

Jussara concluiu o segundo grau na Escola Paulo Freire, no ano passado, e vai tentar o vestibular mais uma vez para o curso de Letras (espanhol) da Universidade de Brasília (UnB). Ela quer realizar o sonho de ser professora. "Tudo o que sou devo à aldeia", comenta.

NOVA MÃE

A mãe social tem um papel importante na vida das crianças, que são preparadas para uma possível reintegração com a família natural. Sempre que possível, as crianças mantêm contato com os pais biológicos. As mães adotivas, escolhidas depois de um rigoroso teste de seleção, se dedicam integral e exclusivamente.

Requisito nº1, para a profissão de mãe: gostar de crianças. Ser solteira, dormir no emprego e ter mais de 25 anos são outras exigências. Isso porque elas estarão presentes 24 horas por dia na vida dessas crianças. "O principal é gostar do que se faz", ensina a ex-faxineira Maria de Fátima dos Santos, 46 anos, mãe social há 14 anos.

Fátima deixou o emprego de faxineira no Lago Sul para trabalhar na Aldeia SOS de Brasília. "Quando era mais nova, sonhava em ser professora de crianças. Mas muita coisa aconteceu na minha vida", conta. "Não teve jeito. O meu destino era esse mesmo: cuidar de crianças", diz Fátima, que só estudou até o 1º grau. Ela reconhece que o trabalho é árduo, mas prazeroso.

A rotina das "mães" inclui algumas tarefas como acompanhar o desenvolvimento dos "filhos" na escola, cobrar o dever de casa, levar ao médico, fazer as compras do mês e administrar a casa, com uma verba mensal que cada casa-lar recebe.

Maria de Fátima acredita que o diálogo é o melhor caminho para educar a garotada. Mas, sempre que necessário, é mais enérgica com as crianças. "Não há castigos rígidos. Não chego a bater nelas. No máximo, ficam sem assistir a TV", conta a mãe-social.

Fátima diz que educar é gratificante e, se pudesse, ficaria com todos os

Acácio Pinheiro 2.12.98



A creche é composta de 12 casas, cada uma com nove crianças de idades diferentes, e a mãe "social", que tem uma verba para administrar o lar

"filhos". Para sempre. Sua maior realização é ver um de seus ex-filhos empregado e encaminhado na vida. "Depois que deixam a aldeia, voltam para me visitar. Eles conversam, desabafam e sempre pedem conselhos."

AJUDA

A aldeia é mantida com a ajuda de sócios-contribuintes, que dão uma quantia mensal em dinheiro; voluntários (médico, dentista etc.); padrinhos SOS e amigos SOS. Mas os re-

cursos não são suficientes — cobrem apenas 15% das despesas. Os 85% restantes são provenientes do Fundo Hermann Gmeiner (em homenagem ao fundador das aldeias no mundo).

A partir do ano 2000 — daqui a menos de dois anos —, o dinheiro ficará escasso. O fundo só vai poder cobrir 15% das despesas da Aldeia SOS de Brasília. Os recursos serão destinados a outras aldeias, em países da África e da Ásia, que necessitam de mais ajuda. "Há países que

estão em guerra e vivem situações de calamidade", explica o administrador José Viana.

Para superar as dificuldades e divulgar o trabalho da aldeia junto à comunidade, Viana pretende promover alguns eventos, como festas com apresentações de balé e de peça teatral. Isso serve também para arrecadar brinquedos, roupas, calçados e material escolar.

As aldeias nasceram na cidade de Imst, no Tirol (Áustria). Em 1949, o

educador austríaco Hermann Gmeiner queria realizar um sonho, dando um novo lar às crianças órfãs da 2ª Guerra Mundial, na Europa. O projeto chegou ao Brasil em 1967 e atende 3.100 crianças e adolescentes em 13 cidades brasileiras de vários estados.

SERVIÇO

Os interessados em ajudar a Aldeia SOS de Brasília podem ligar para 273-9061 ou 272-2738. O endereço é: SGAN 914, Conjunto F.